

Allan Kardec

Fundador do Espiritismo

O LIVRO dos MÉDIUNS

Guia dos Médiuns e dos Evocadores

— 8.^a EDIÇÃO —



ÍNDICE

INTRODUÇÃO	9
------------------	---

PRIMEIRA PARTE NOÇÕES PRELIMINARES

CAPÍTULO I: HÁ ESPÍRITOS?	15
---------------------------------	----

CAPÍTULO II: DO MARAVILHOSO E DO SOBRENATURAL	22
---	----

CAPÍTULO III: DO MÉTODO

De que modo se deve proceder com os materialistas. Materialistas por sistema: materialistas que o são por falta de coisa melhor. Incrédulos por ignorância, por má vontade, por interesse e má-fé, por pusilanimidade, por escrúpulos religiosos, por efeito de decepções. Três tipos de espíritas: espíritas experimentadores, espíritas imperfeitos, espíritas cristãos ou verdadeiros espíritas. Ordem a que devem obedecer os estudos espíritas.	32
---	----

CAPÍTULO IV: DOS SISTEMAS

Exame dos diferentes modos por que o Espiritismo é encarado. Sistemas de negação: do charlatanismo, da loucura, da alucinação, do músculo estalante, das causas físicas, do reflexo. Sistemas de afirmação; sistema da alma coletiva; <i>id.</i> sonambúlico, pessimista, diabólico ou demoníaco, otimista, uniespírita ou monoespírita, multiespírita ou poliespírita, sistema da alma material.	45
--	----

SEGUNDA PARTE
DAS MANIFESTAÇÕES ESPÍRITAS

CAPÍTULO I: DA AÇÃO DOS ESPÍRITOS SOBRE A MATÉRIA	67
CAPÍTULO II: DAS MANIFESTAÇÕES FÍSICAS. DAS MESAS FALANTES	73
CAPÍTULO III: DAS MANIFESTAÇÕES INTELIGENTES	77
CAPÍTULO IV: DA TEORIA DAS MANIFESTAÇÕES FÍSICAS Movimentos e suspensões. Ruídos. Aumento e diminuição do peso dos corpos.	81
CAPÍTULO V: DAS MANIFESTAÇÕES FÍSICAS ESPONTÂNEAS Ruídos, barulhos e perturbações. Arremesso de objetos. Fenômeno de transporte. Dissertação de um Espírito sobre os transportes.	94
CAPÍTULO VI: DAS MANIFESTAÇÕES VISUAIS Noções sobre as aparições. Ensaio teórico sobre as aparições. Espíritos glóbulos. Teoria da alucinação.	118
CAPÍTULO VII: DA BICORPORAÇÃO E DA TRANSFIGURAÇÃO Aparições de Espíritos de pessoas vivas. Homens duplos. Santo Afonso de Liguori e Santo António de Pádua. Vespasiano. Transfiguração. Invisibilidade. ..	138
CAPÍTULO VIII: DO LABORATÓRIO DO MUNDO INVISÍVEL Vestuário dos Espíritos. Formação espontânea de objetos tangíveis. Modificação das propriedades da matéria. Ação magnética curadora.	148
CAPÍTULO IX: DOS LUGARES ASSOMBRADOS	157
CAPÍTULO X: DA NATUREZA DAS COMUNICAÇÕES Comunicações grosseiras, frívolas, sérias e instrutivas.	163
CAPÍTULO XI: DA SEMATOLOGIA E DA TIPTOLOGIA Linguagem dos sinais e das pancadas. Tiptologia alfabética.	167
CAPÍTULO XII: DA PNEUMATOLOGIA OU ESCRITA DIRETA. DA PNEUMATOFONIA	173
CAPÍTULO XIII: DA PSICOGRAFIA Psicografia indireta: cestos e pranchetas. Psicografia direta ou manual.	179
CAPÍTULO XIV: DOS MÉDIUNS Médiuns de efeitos físicos. Pessoas elétricas. Médiuns sensitivos ou impresionáveis. Médiuns auditivos. Médiuns falantes. Médiuns videntes. Médiuns sonambúlicos. Médiuns curadores. Médiuns pneumatógrafos.	183

CAPÍTULO XV: DOS MÉDIUNS ESCRIVENTES OU PSICÓGRAFOS	
Médiuns mecânicos, intuitivos, semimecânicos, inspirados ou involuntários; de pressentimentos.	199
CAPÍTULO XVI: DOS MÉDIUNS ESPECIAIS	
Aptidões especiais dos médiuns. Quadro sinótico das diferentes espécies de médiuns.	204
CAPÍTULO XVII: DA FORMAÇÃO DOS MÉDIUNS	
Desenvolvimento da mediunidade. Mudança de caligrafia. Perda e suspensão da mediunidade.	224
CAPÍTULO XVIII: DOS INCONVENIENTES E PERIGOS DA MEDIUNIDADE	
Influência do exercício da mediunidade sobre a saúde. <i>Idem</i> sobre o cérebro. <i>Idem</i> sobre as crianças.	241
CAPÍTULO XIX: DO PAPEL DOS MÉDIUNS NAS COMUNICAÇÕES ESPÍRITAS	
Influência do Espírito pessoal do médium. Sistema dos médiuns inertes. Aptidão de certos médiuns para coisas de que nada conhecem: línguas, música, desenho, etc. Dissertação de um Espírito sobre o papel dos médiuns.	245
CAPÍTULO XX: DA INFLUÊNCIA MORAL DO MÉDIUM	
Questões diversas. Dissertação de um Espírito sobre a influência moral.	259
CAPÍTULO XXI: DA INFLUÊNCIA DO MEIO	269
CAPÍTULO XXII: DA MEDIUNIDADE NOS ANIMAIS	272
CAPÍTULO XXIII: DA OBSESSÃO	
Obsessão simples. Fascinação. Subjugação. Causas da obsessão. Meios de a combater.	280
CAPÍTULO XXIV: DA IDENTIDADE DOS ESPÍRITOS	
Provas possíveis de identidade. Modo de se distinguirem os bons dos maus Espíritos. Questões sobre a natureza e identidade dos Espíritos.	297
CAPÍTULO XXV: DAS EVOCAÇÕES	
Considerações gerais. Espíritos que podem ser evocados. Linguagem que se deve usar com os Espíritos. Utilidade das evocações particulares. Questões sobre as evocações. Evocações dos animais. Evocações das pessoas vivas. Telegrafia humana.	319

CAPÍTULO XXVI: DAS PERGUNTAS QUE SE PODEM FAZER AOS ESPÍRITOS Observações preliminares. Perguntas simpáticas ou antipáticas aos Espíritos. Perguntas sobre o futuro. Sobre as existências passadas e vindouras. Sobre in- teresses morais e materiais. Sobre a sorte dos Espíritos. Sobre a saúde. Sobre as invenções e descobertas. Sobre os tesouros ocultos. Sobre os outros mundos. . .	348
CAPÍTULO XXVII: DAS CONTRADIÇÕES E DAS MISTIFICAÇÕES	367
CAPÍTULO XXVIII: DO CHARLATANISMO E DO EMBUSTE Médiuns interesseiros. Fraudes espíritas.	378
CAPÍTULO XXIX: DAS REUNIÕES E DAS SOCIEDADES ESPÍRITAS Das reuniões em geral. Das Sociedades propriamente ditas. Assuntos de estu- do. Rivalidades entre as Sociedades.	390
CAPÍTULO XXX: REGULAMENTO DA SOCIEDADE PARISIENSE DE ESTUDOS ESPÍRITAS	411
CAPÍTULO XXXI: DISSERTAÇÕES ESPÍRITAS Acerca do Espiritismo. Sobre os médiuns. Sobre as Sociedades espíritas. Comu- nicações apócrifas.	421
CAPÍTULO XXXII: VOCABULÁRIO ESPÍRITA	452

INTRODUÇÃO

Todos os dias a experiência traz-nos a confirmação de que as dificuldades e os desenganos com que muitos se deparam na prática do Espiritismo têm origem na ignorância dos princípios desta ciência, e felizes nos sentimos de ter podido comprovar que o nosso trabalho, feito com o objetivo de precaver os adeptos contra os escolhos de um noviciado, produziu frutos e que à leitura desta obra devem muitos o facto de terem conseguido evitá-los.

É natural, entre os que se ocupam com o Espiritismo, o desejo de poderem pôr-se em comunicação com os Espíritos. Esta obra destina-se a facilitar-lhes o caminho, levando-os a tirar proveito dos nossos longos e laboriosos estudos, porque uma muito falsa ideia formaria aquele que pensasse bastar, para se considerar perito nesta matéria, saber pôr os dedos sobre uma mesa a fim de fazê-la mover-se ou segurar um lápis a fim de escrever.

Enganar-se-ia igualmente quem supusesse encontrar nesta obra uma receita universal e infalível para formar médiuns. Se bem que cada um traga em si o germe das qualidades necessárias para se tornar médium, tais qualidades existem em graus muito diferentes e o seu desenvolvimento depende de causas que a ninguém é dado conseguir que se verifiquem à vontade. As regras da poesia, da pintura e da música não fazem com que se tornem poetas, pintores ou músicos os que não têm o génio de alguma destas artes. Apenas guiam os que as cultivam, no emprego das suas faculdades naturais. O mesmo sucede com o nosso trabalho. O seu objetivo consiste em indicar os meios de desenvolvimento

da faculdade mediúnica, tanto quanto o permitam as disposições de cada um, e, sobretudo, dirigir-lhe o emprego de modo útil, quando ela exista. Esse, porém, não constitui o fim único a que nos propusemos.

A par com os médiuns propriamente ditos, há a crescer diariamente uma multidão de pessoas que se ocupam com as manifestações espíritas. Guiá-las nas suas observações, assinalar-lhes os obstáculos que podem e não de necessariamente encontrar, lidando com uma nova ordem de coisas, iniciá-las na forma de confabularem com os Espíritos, indicar-lhes os meios de conseguirem boas comunicações, tal é o círculo que temos de abranger, sob pena de fazermos um trabalho incompleto. Ninguém, pois, se surpreenda de encontrar nele instruções que, à primeira vista, pareçam descabidas; a experiência realçar-lhes-á a utilidade. Quem quer que o estude cuidadosamente melhor compreenderá depois os factos de que venha a ser testemunha; menos estranha lhe parecerá a linguagem de alguns Espíritos. Como repositório de instrução prática, portanto, a nossa obra não se destina exclusivamente aos médiuns, mas a todos os que estejam em condições de ver e observar os fenómenos espíritas.

Não faltará quem desejasse que publicássemos um manual prático muito sucinto, contendo em poucas palavras a indicação dos processos que se devem empregar para entrar em comunicação com os Espíritos. Pensarão esses que um livro desta natureza, dada a possibilidade de se espalhar profusamente por um módico preço, representaria um poderoso meio de propaganda, pela multiplicação dos médiuns. A nosso ver, semelhante obra, em vez de útil, seria nociva, pelo menos por enquanto. De muitas dificuldades se mostra inçada a prática do Espiritismo e nem sempre isenta de inconvenientes a que só o estudo sério e completo pode obviar. Seria, pois, de temer que uma indicação muito resumida animasse experiências levemente tentadas, das quais viessem os experimentadores a arrepender-se. Estas são coisas com que não é conveniente, nem prudente, que se brinque e acreditamos que prestaríamos um mau serviço se as puséssemos ao alcance do primeiro estouvado que achasse divertido conversar com os mortos. Dirigimo-nos aos que veem no Espiritismo um objetivo sério, que lhe compreendem toda a gravidade e não fazem das comunicações com o mundo invisível um passatempo.

Havíamos publicado uma *Instrução Prática* com o intuito de guiar os médiuns. Esta obra está hoje esgotada e, embora a tenhamos feito com um

fim grave e sério, não a reimprimiremos porque ainda não a consideramos suficientemente completa para esclarecer acerca de todas as dificuldades que se possam encontrar. Substituímo-la por esta, na qual reunimos todos os dados que uma longa experiência e conscienciosos estudos nos permitiram colher. Ela contribuirá, pelo menos assim o esperamos, para imprimir ao Espiritismo o caráter sério que lhe forma a essência e para evitar que haja quem nele veja um objeto de frívola ocupação e de divertimento.

A essas considerações ainda acrescentaremos outra, muito importante: a má impressão que produzem nos novatos as experiências levemente feitas e sem conhecimento de causa, experiências que apresentam o inconveniente de gerar ideias falsas acerca do mundo dos Espíritos e de dar azo à zombaria e a uma crítica quase sempre infundada. De tais reuniões, os incrédulos raramente saem convertidos e dispostos a reconhecer que no Espiritismo há alguma coisa de sério. Para a opinião errônea de um grande número de pessoas, muito mais do que se pensa têm contribuído a ignorância e a leviandade de vários médiuns.

Desde alguns anos, o Espiritismo tem realizado grandes progressos: imensos, porém, são os que conseguiu realizar a partir do momento em que tomou um rumo filosófico, porque começou a ser apreciado por gente instruída. Presentemente, já não é um espetáculo: é uma doutrina de que já não se riem os que zombavam das mesas falantes. Esforçando-nos por levá-lo para esse terreno e por mantê-lo aí, nutrimos a convicção de que lhe granjeamos assim mais adeptos úteis do que provocando a torto e a direito manifestações que se prestariam a abusos. Disso temos diariamente a prova no número dos que se têm tornado espíritas unicamente pela leitura de *O Livro dos Espíritos*.

Depois de termos exposto, nesse livro, a parte filosófica da ciência espírita, damos nesta obra a parte prática, para uso dos que queiram ocupar-se com as manifestações, quer para fazerem pessoalmente, quer para se inteirarem dos fenómenos que lhes sejam dados observar. Verão aí os óbices com que poderão deparar-se e terão também um meio de evitá-los. Estas duas obras, se bem que a segunda constitua a continuação da primeira, são, até certo ponto, independentes uma da outra. Mas, a quem quer que deseje tratar seriamente da matéria, diremos que primeiro leia *O Livro dos Espíritos*, porque contém princípios básicos

sem os quais algumas partes desta obra se tornariam talvez dificilmente compreensíveis.

Importantes alterações para melhor foram introduzidas nesta segunda edição, muito mais completa do que a primeira. Acrescentando-lhe um grande número de notas e instruções do maior interesse, os Espíritos corrigiram-na com particular cuidado. Como reviram tudo, aprovando-a ou modificando-a à sua vontade, pode dizer-se que ela é, em grande parte, obra deles, porque a intervenção que tiveram não se limitou aos artigos que trazem assinaturas. São poucos esses artigos, porque apenas apusemos nomes quando isso nos pareceu necessário, para assinalar que algumas citações um tanto extensas provieram deles textualmente. A não ser assim, teríamos de citá-los quase em todas as páginas, especialmente a seguir a todas as respostas dadas às perguntas que lhes foram feitas, o que se nos afigurou de nenhuma utilidade. Os nomes, como se sabe, importam pouco em tais assuntos. O essencial é que o conjunto do trabalho corresponda ao fim que visamos. O acolhimento dado à primeira edição, ainda que imperfeita, faz-nos esperar que a presente não encontre menos receptividade.

Como lhe acrescentámos muitas coisas e muitos capítulos inteiros, suprimimos alguns artigos que ficariam em duplicado, entre outros o que tratava da Escala espírita, que já se encontra em *O Livro dos Espíritos*. Suprimimos igualmente do «Vocabulário» o que não se ajustava no quadro desta obra, substituindo vantajosamente o que foi suprimido por coisas mais práticas. Esse «Vocabulário», além do mais, não estava completo e tencionamos publicá-lo mais tarde, em separado, sob o formato de um pequeno dicionário de filosofia espírita. Conservamos nesta edição apenas as palavras novas ou especiais, pertinentes aos assuntos com que nos ocupámos.

PRIMEIRA PARTE

NOÇÕES PRELIMINARES

HÁ ESPÍRITOS?

1. A dúvida no que concerne à existência dos Espíritos tem como causa primária a ignorância acerca da verdadeira natureza deles. Geralmente, são considerados como seres à parte na criação e de cuja existência não está demonstrada a necessidade. Muitas pessoas, mais ou menos como as que só conhecem a História pelos romances, apenas os conhecem através dos contos fantásticos com que foram acalentadas em criança.

Sem indagarem se tais contos, despojados dos acessórios ridículos, encerram algum fundo de verdade, essas pessoas apenas se impressionam com o lado absurdo que eles revelam. Sem se darem ao trabalho de tirar a casca amarga para encontrar a amêndoa, rejeitam o todo, como fazem relativamente à religião os que, chocados por certos abusos, tudo englobam numa só condenação.

Seja qual for a ideia que dos Espíritos se faça, a crença neles necessariamente se funda na existência de um princípio inteligente fora da matéria. Essa crença é incompatível com a negação absoluta deste princípio. Tomamos, conseqüentemente, por ponto de partida a existência, a sobrevivência e a individualidade da alma, existência, sobrevivência e individualidade que têm no Espiritualismo a sua demonstração teórica e dogmática e, no Espiritismo, a demonstração positiva. Abstraiamo-nos, por um momento, das manifestações propriamente ditas e, raciocinando por indução, vejamos a que conseqüências chegaremos.

2. Assim que se admite a existência da alma e da sua individualidade após a morte, também é forçoso que se admita: 1.º, que a sua natureza difere da do corpo, visto que, separada deste, deixa de ter as propriedades peculiares ao corpo; 2.º, que goza da consciência de si mesma, pois que é passível de alegria, ou de sofrimento, sem o que seria um ser inerte, caso em que possuí-la de nada nos valeria. Admitido isto, tem-se de admitir que essa alma vai para alguma parte. Que vem a ser feito dela e para onde vai?

Segundo a crença vulgar, vai para o céu ou para o inferno. Mas onde ficam o céu e o inferno? Dizia-se outrora que o céu era em cima e o inferno, em baixo. Porém, o que são o alto e o baixo no Universo, uma vez que se conhecem a esfericidade da Terra, o movimento dos astros, movimento que faz com que o que em dado instante está no alto esteja, 12 horas depois, em baixo, e o infinito do espaço, através do qual o olhar penetra, indo a distâncias consideráveis? É verdade que por «lugares inferiores» também se designam as profundezas da Terra. Mas que vêm a ser essas profundezas, desde que a geologia as esquadrinhou? Que ficaram a ser, igualmente, as esferas concêntricas chamadas «céu de fogo», «céu das estrelas», desde que se verificou que a Terra não é o centro dos mundos, que mesmo o nosso Sol não é único, que milhões de sóis brilham no espaço, constituindo cada um o centro de um turbilhão planetário? A que ficou reduzida a importância da Terra, mergulhada nessa imensidão? Por que injustificável privilégio este quase impercetível grão de areia, que não avulta pelo seu volume, nem pela sua posição, nem pelo papel que lhe cabe desempenhar, seria o único planeta povoado de seres racionais? A razão recusa-se a admitir semelhante nulidade do infinito e tudo nos diz que os diferentes mundos são habitados. Ora, se são povoados, também fornecem os seus contingentes para o mundo das almas. Porém, mais uma vez, que terá sido feito dessas almas, desde que a astronomia e a geologia destruíram as moradas que se lhes destinavam e, sobretudo, desde que a teoria, tão racional, da pluralidade dos mundos as multiplicou até ao infinito?

Não podendo a doutrina da localização das almas harmonizar-se com os dados da ciência, outra doutrina mais lógica destina-lhes como domínio, não um lugar determinado e circunscrito, mas

o espaço universal: formam elas um mundo invisível, no qual vivemos imersos, que nos cerca e acotovela incessantemente. Haverá nisso alguma impossibilidade, alguma coisa que repugne à razão? De modo nenhum; tudo, pelo contrário, nos afirma que não pode ser de outra maneira.

Mas, então, que vem a ser das penas e recompensas futuras, desde que se lhes suprimam os lugares especiais onde se efetivem? Notai que a incredulidade com relação a tais penas e recompensas prova geralmente de serem umas e outras apresentadas em condições inadmissíveis. Dizei, em vez disso, que as almas tiram de si mesmas a sua felicidade ou a sua desgraça; que a sorte lhes está subordinada ao estado moral; que a reunião das que se votam uma mútua simpatia e são boas representa para elas uma fonte de ventura; que, de acordo com o grau de purificação que tenham alcançado, penetram e entreveem coisas que almas grosseiras não distinguem, e toda a gente compreenderá sem dificuldade. Dizei mais que as almas não atingem o grau supremo senão pelos esforços que façam por se melhorarem e depois de uma série de provas adequadas à sua purificação; que os anjos são almas que galgaram o último grau da escala, grau que todas podem atingir tendo boa vontade; que os anjos são os mensageiros de Deus, encarregados de velar pela execução dos seus desígnios em todo o universo, que se sentem ditosos com o desempenho destas missões gloriosas, e tereis dado à sua felicidade um fim mais útil e mais atraente do que o de uma contemplação perpétua, que não passaria de uma perpétua inutilidade. Dizei, finalmente, que os demónios são simplesmente as almas dos maus, ainda não purificadas, mas que podem, como as outras, ascender ao mais alto cume da perfeição, e isto parecerá mais conforme à justiça e à bondade de Deus do que a doutrina que os dá como criados para o mal e ao mal destinados eternamente. Mais uma vez: aí tendes o que a mais severa razão, a mais rigorosa lógica, o bom senso, em suma, podem admitir.

Ora, essas almas que povoam o espaço são precisamente aquilo a que se chama Espíritos. Assim, pois, os Espíritos não são senão as almas dos homens despojadas do invólucro corpóreo. Mais hipotética seria a sua existência se fossem seres à parte. Se, porém,

se admitir que há almas, também será necessário que se admita que os Espíritos são simplesmente as almas e nada mais. Se se admite que as almas estão por toda a parte, ter-se-á de admitir, do mesmo modo, que os Espíritos estão por toda a parte. Não seria possível, portanto, negar a existência dos Espíritos sem negar a das almas.

3. Isto não passa, é certo, de uma teoria mais racional do que a outra. Porém, já é muito que seja uma teoria que nem a razão, nem a ciência repelem. Acresce que, se os factos a corroboram, tem ela por si a sanção do raciocínio e da experiência. Estes factos deparam-se-nos no fenómeno das manifestações espíritas, que, assim, constituem a prova patente da existência e da sobrevivência da alma. Há muitas pessoas, entretanto, cuja crença não vai além desse ponto; que admitem a existência das almas e, conseguintemente, a dos Espíritos mas que negam a possibilidade de nos comunicarmos com eles, pela razão, dizem, de que os seres imateriais não podem atuar sobre a matéria. Esta dúvida assenta na ignorância da verdadeira natureza dos Espíritos, dos quais em geral fazem uma ideia muito falsa, supondo-os erradamente seres abstratos, vagos e indefinidos, o que não é real.

Imaginemos, primeiramente, o Espírito em união com o corpo. Ele é o ser principal, pois que é o ser que pensa e sobrevive. O corpo não passa de um acessório seu, de um invólucro, uma veste, que ele deixa quando usada. Além desse invólucro material, tem o Espírito um segundo, semimaterial, que o liga ao primeiro. Por ocasião da morte, despoja-se deste, mas não do outro, a que damos o nome «perispírito». Este invólucro semimaterial, que tem a forma humana, constitui para o Espírito um corpo fluídico, vaporoso, mas que, pelo facto de nos ser invisível no seu estado normal, não deixa de ter algumas das propriedades da matéria. O Espírito não é, pois, um ponto, uma abstração; é um ser limitado e circunscrito, ao qual só falta ser visível e palpável para se assemelhar aos seres humanos. Porque, então, não haveria de atuar sobre a matéria? Por ser fluídico o seu corpo? Mas onde encontra o Homem os seus mais possantes motores senão entre os mais rarefeitos fluidos, mesmo entre os que se consideram imponderáveis, como a eletricidade? Não é verdade

que a luz, imponderável, exerce uma ação química sobre a matéria ponderável? Não conhecemos a natureza íntima do perispírito. Suponhamo-lo, todavia, formado de matéria elétrica, ou de outra tão subtil quanto esta: porque, quando conduzido por uma vontade, não teria uma propriedade idêntica à daquela matéria?

4. A existência da alma e de Deus, consequência uma da outra, constitui a base de todo o edifício: antes de travarmos qualquer discussão espírita, importa que indaguemos se o nosso interlocutor admite esta base. Se às questões «credes em Deus?»», «credes que tendes uma alma?» e «credes na sobrevivência da alma após a morte?» responder negativamente, ou mesmo se disser simplesmente «não sei; desejaria que assim fosse, mas não tenho a certeza disso», o que, quase sempre, equivale a uma negação polida, disfarçada sob uma forma menos categórica, para não chocar bruscamente aquilo a que ele chama preconceitos respeitáveis, seria tão inútil ir mais além como querer demonstrar as propriedades da luz a um cego que não admitisse a existência da luz. Porque, em suma, as manifestações espíritas não são mais do que efeitos das propriedades da alma. Com semelhante interlocutor, se se não quiser perder tempo, ter-se-á de seguir uma muito diferente ordem de ideias.

Admitida que seja a base, não como simples probabilidade, mas como uma coisa averiguada, incontestável, dela muito naturalmente decorrerá a existência dos Espíritos.

5. Resta agora a questão de saber se o Espírito pode comunicar-se com o Homem, isto é, se pode com este trocar ideias. Porque não? Que é um homem senão um Espírito aprisionado num corpo? Porque não há de o Espírito livre se comunicar com o Espírito cativo, como o homem livre com o encarcerado?

Se admitis a sobrevivência da alma, será racional que não admitais a sobrevivência dos afetos? Já que as almas estão por toda a parte, não será natural acreditarmos que a de um ente que nos amou durante a vida se aproxime de nós, deseje comunicar-se connosco e se sirva para isso dos meios de que disponha? Enquanto vivo, não atuava ele sobre a matéria do seu corpo? Não era quem lhe dirigia

os movimentos? Por que razão, depois de morto, entrando em acordo com outro Espírito ligado a um corpo, estaria impedido de se servir deste corpo vivo para exprimir o seu pensamento, do mesmo modo que um mudo pode servir-se de uma pessoa que fale para se fazer compreender?

6. Abstraiamo-nos, por um instante, dos factos que, ao nosso ver, tornam incontestável a realidade desta comunicação; admitamo-la apenas como hipótese. Pedimos aos incrédulos que nos provem, não por simples negativas, visto que as suas opiniões pessoais não podem constituir lei, mas expendendo razões perentórias, que tal coisa não pode dar-se. Colocando-nos no terreno em que eles se põem, uma vez que entendem apreciar os factos espíritas com o auxílio das leis da matéria, que tirem desse arsenal qualquer demonstração matemática, física, química, mecânica, fisiológica, e provem por *a* mais *b*, partindo sempre do princípio da existência e da sobrevivência da alma:

1.º que o ser pensante que existe em nós durante a vida deixa de pensar depois da morte;

2.º que, se continua a pensar, está inibido de pensar naqueles a quem amou;

3.º que, se pensa nestes, não pode comunicar-se com eles;

4.º que, podendo estar em toda a parte, não pode estar ao nosso lado;

5.º que, podendo estar ao nosso lado, não pode comunicar-se connosco;

6.º que não pode, por meio do seu envoltório fluídico, atuar sobre a matéria inerte;

7.º que, sendo-lhe possível atuar sobre a matéria inerte, não pode atuar sobre um ser animado;

8.º que, tendo a possibilidade de atuar sobre um ser animado, não lhe pode dirigir a mão para fazê-lo escrever;

9.º que, podendo fazê-lo escrever, não lhe pode responder às perguntas nem lhe transmitir os seus pensamentos.

Quando os adversários do Espiritismo nos provarem que isto é impossível, aduzindo razões tão patentes quanto aquelas com que Galileu demonstrou que não é o Sol que gira em torno da Terra, então poderemos considerar-lhes fundadas as dúvidas. Infelizmente, até hoje toda a argumentação a que recorrem resume-se nestas palavras: «Não creio, logo isto é impossível.» Dir-nos-ão, com certeza, que nos cabe a nós provar a realidade das manifestações. Ora, nós damos-lhes, pelos factos e pelo raciocínio, a prova de que elas são reais. Mas, se não admitem nem uma nem outra coisa, se chegam mesmo a negar o que veem, cabe-lhes a eles provar que o nosso raciocínio é falso e que os factos são impossíveis.

DO MARAVILHOSO E DO SOBRENATURAL

7. Se a crença nos Espíritos e nas suas manifestações representasse uma conceção singular, fosse produto de um sistema, poderia, com aparente razão, merecer a suspeita de ser ilusória. Digam-nos, porém, por que a encontramos tão vivaz entre todos os povos, antigos e modernos, e nos livros santos de todas as religiões conhecidas? «Isso acontece», respondem os críticos, «porque, em todos os tempos, o Homem teve o gosto do maravilhoso». Mas que entendeis por *maravilhoso*? «O que é sobrenatural.» Que entendeis por *sobrenatural*? «O que é contrário às leis da natureza.» Conheceis, porventura, tão bem essas leis que possais traçar um limite ao poder de Deus? Pois bem! Provai então que a existência dos Espíritos e as suas manifestações são contrárias às leis da natureza; que não é nem pode ser uma destas leis. Acompanhai a Doutrina Espírita e vede se todos os elos, ligados uniformemente à cadeia, não apresentam todos os caracteres de uma lei admirável, que resolve tudo o que as filosofias até agora não puderam resolver.

O pensamento é um dos atributos do Espírito; a possibilidade que eles têm de atuar sobre a matéria, de nos impressionar os sentidos e, por conseguinte, de nos transmitir os seus pensamentos resulta, se assim nos podemos exprimir, da constituição fisiológica que lhes é própria. Logo, nada há de sobrenatural neste facto, nem de maravilhoso. Tornar um homem a viver depois de morto e bem morto, reunirem-se os seus membros dispersos para lhe formarem de novo o corpo, sim, seria maravilhoso, sobrenatural, fantástico.

Haveria aí uma verdadeira derrogação da lei, o que apenas por um milagre poderia Deus praticar. Não há coisa alguma, porém, de semelhante na Doutrina Espírita.

8. Entretanto, objetarão, admitis que um Espírito pode suspender uma mesa e mantê-la no espaço sem um ponto de apoio. Não constitui isto uma derrogação da lei de gravidade? Constitui, mas da lei conhecida; porém, já a natureza disse a sua última palavra? Antes que se tivesse experimentado a força ascensional de certos gases, quem diria que uma máquina pesada, a carregar muitos homens, fosse capaz de triunfar sobre a força de atração? Aos olhos do vulgo, tal coisa não pareceria maravilhosa, diabólica? Por louco teria passado aquele que, há um século, se tivesse proposto a transmitir um telegrama a 500 léguas de distância e a receber a resposta alguns minutos depois. Se o fizesse, toda a gente creia ter ele o diabo às suas ordens, pois que, naquela época, só ao diabo era possível andar tão depressa. Porque, então, um fluido desconhecido não poderia, em dadas circunstâncias, ter a propriedade de contrabalançar o efeito da gravidade, como o hidrogénio contrabalança o peso do balão? Notemos, de passagem, que não fazemos uma assimilação, mas apenas uma comparação, e unicamente para mostrar, por analogia, que o facto não é fisicamente impossível.

Ora, foi exatamente por quererem, ao observar estas espécies de fenómenos, proceder por assimilação que os sábios se transviaram.

Em suma, o facto aí está. Não há nem haverá negação que possa fazer com que ele não seja real, uma vez que negar não é provar. Para nós, nada há de sobrenatural. É tudo o que, por agora, podemos dizer.

9. Se o facto ficar comprovado, dirão, aceitá-lo-emos; aceitaríamos mesmo a causa a que o atribuíis, a de um fluido desconhecido. Mas quem nos prova a intervenção dos Espíritos? Aí é que está o maravilhoso, o sobrenatural.

Seria necessário fazer aqui uma demonstração completa, que, no entanto, estaria deslocada e, de resto, constituiria uma repetição, visto que sobressai de todas as outras partes do ensino. Todavia, resumindo-a nalgumas palavras, diremos que, em teoria, ela se funda

neste princípio: qualquer efeito inteligente há de ter uma causa inteligente e, do ponto de vista prático, na observação de que, tendo os fenómenos ditos espíritas dado provas de inteligência, fora da matéria havia de estar a causa que os produzia e de que, não sendo essa inteligência a dos assistentes — o que a experiência atesta —, havia de lhes ser exterior. Já que não se via o ser que atuava, necessariamente era um ser invisível.

Foi assim que, de observação em observação, se chegou ao reconhecimento de que esse ser invisível, a que deram o nome *Espírito*, não é senão a alma dos que viveram corporalmente, aos quais a morte arrebatou o grosseiro invólucro visível, deixando-lhes apenas um envoltório etéreo, invisível no seu estado normal. Eis, pois, o maravilhoso e o sobrenatural reduzidos à sua mais simples expressão.

Uma vez comprovada a existência de seres invisíveis, a ação deles sobre a matéria resulta da natureza do envoltório rio fluídico que os reveste. É inteligente esta ação porque, ao morrerem, eles perderam tão-somente o corpo, conservando a inteligência que lhes constitui a própria essência. Aí está a chave de todos os fenómenos tidos erradamente como sobrenaturais. A existência dos Espíritos não é, portanto, um sistema preconcebido ou uma hipótese imaginada para explicar os factos: é o resultado de observações e consequência natural da existência da alma. Negar esta causa é negar a alma e os seus atributos. Dignem-se a apresentá-la os que pensem poder dar desses efeitos inteligentes uma explicação mais racional e, sobretudo, apontar a causa de *todos os factos*, e então será possível discutir-se o mérito de cada uma.

10. Para os que consideram a matéria a única potência da natureza, *tudo o que não pode ser explicado pelas leis da matéria é maravilhoso ou sobrenatural*, e, para eles, maravilhoso é sinónimo de *superstição*. Se assim fosse, a religião, que se baseia na existência de um princípio imaterial, seria um tecido de superstições. Não ousam dizê-lo em voz alta, mas dizem-no baixinho e julgam salvar as aparências concedendo que uma religião é necessária ao povo e às crianças para que se tornem ajuizados. Ora, das duas, uma: ou o princípio religioso é verdadeiro, ou é falso. Se é verdadeiro, é-o para toda

a gente, se falso, não tem maior valor para os ignorantes do que para os instruídos.

11. Os que atacam o Espiritismo em nome do maravilhoso apoiam-se geralmente no princípio materialista, negando, portanto, qualquer efeito extramaterial, negam, *ipso facto*, a existência da alma. Sondai-lhes, porém, o fundo das consciências, perscrutai bem o sentido das suas palavras e descobrireis quase sempre este princípio, se não categoricamente formulado, pelo menos a germinar por baixo da capa com que o cobrem, a de uma pretensa filosofia racional. Lançando à conta do maravilhoso tudo o que decorre da existência da alma, são, pois, consequentes consigo mesmos: não admitindo a causa, não podem admitir os efeitos. Daí, entre eles, uma opinião preconcebida, que os torna impróprios para julgar de forma sensata o Espiritismo, visto que o princípio de que partem é o da negação de tudo o que não seja material.

Quanto a nós, será que aceitamos todos os factos qualificados como maravilhosos pela simples razão de admitirmos os efeitos que são a consequência da existência da alma? Será que somos campeões de todos os sonhadores, adeptos de todas as utopias, de todas as excentricidades sistemáticas? Quem o supuser demonstrará um reduzido conhecimento do Espiritismo. Mas os nossos adversários não atentam nisto muito de perto. Aquilo de que menos cuidam é a necessidade de conhecerem aquilo de que falam.

Segundo eles, o maravilhoso é absurdo; ora, o Espiritismo apoia-se em factos maravilhosos, logo o Espiritismo é absurdo. E consideram sem apelação esta sentença. Acham que opõem um argumento irretorquível quando, depois de terem procedido a eruditas pesquisas acerca dos convulsionários de Saint-Médard, dos fanáticos de Cevenas ou das religiosas de Loudun, chegaram à descoberta de patentes embustes, que ninguém contesta. Serão semelhantes histórias, porém, o evangelho do espiritismo? Terão os seus adeptos negado que o charlatanismo tem explorado, em proveito próprio, alguns factos? Que outros sejam frutos da imaginação? Que muitos tenham sido exagerados pelo fanatismo? Tão solidário é ele com as extravagâncias que se cometam em seu nome quanto a verdadeira

ciência com os abusos da ignorância, ou a verdadeira religião com os excessos do sectarismo. Muitos críticos limitam-se a julgar o Espiritismo pelos contos de fadas e pelas lendas populares que são dele as ficções. Seria o mesmo que julgar a História pelos romances históricos ou pelas tragédias.

12. Em lógica elementar, para se discutir uma coisa, é preciso conhecê-la, uma vez que a opinião de um crítico só tem valor quando ele fala com um perfeito conhecimento de causa. Só então a sua opinião, embora errônea, poderá ser tida em consideração. Que peso, porém, terá quando ele trata do que não conhece? A legítima crítica deve demonstrar não só erudição mas também um profundo conhecimento do objeto sobre o qual versa, um juízo reto e uma imparcialidade a toda a prova, sem o que qualquer menestrel poderá arrogar-se o direito de julgar Rossini e um pinta-monos o de censurar Rafael.

13. Assim, o Espiritismo não aceita todos os factos considerados maravilhosos ou sobrenaturais. Longe disso: demonstra a impossibilidade de um grande número deles e o ridículo de certas crenças, que constituem a superstição propriamente dita. É certo que, no que ele admite, há coisas que, para os incrédulos, são puramente do domínio do maravilhoso ou, por outro lado, da superstição. Que seja. Mas, pelo menos, discuti apenas esses pontos, visto que, com relação aos demais, nada há que dizer e pregais em vão. Atendo-vos ao que ele próprio refuta, provais ignorar o assunto e os vossos argumentos erram o alvo.

«Porém, até onde vai a crença do Espiritismo?», perguntarão. Lede, observai e sabê-lo-eis. Só com o tempo e o estudo se adquire o conhecimento de qualquer ciência. Ora, o Espiritismo, que aborda as mais graves questões de filosofia e todos os ramos da ordem social, que abrange tanto o homem físico quanto o homem moral, é, em si mesmo, uma ciência, uma filosofia que já não pode ser aprendida em algumas horas, à semelhança das outras ciências.

Que puerilidade seria querer ver-se todo o Espiritismo numa mesa falante, como toda a física nalguns brinquedos de criança.

A quem não se limite a ficar na superfície, são necessários, não apenas algumas horas, mas meses e anos, para lhes sondar todos os arcanos. Por aí se pode apreciar o grau de saber e o valor da opinião dos que se atribuem o direito de julgar, porque viram uma ou duas experiências, na maioria das vezes por distração ou divertimento. Com certeza que eles dirão que não lhes sobram lazeres para consagrarem a tais estudos todo o tempo que reclamam. Está bem; nada a isso os obriga. Mas quem não tem tempo de aprender uma coisa não se mete a discorrer sobre ela e, ainda menos, a julgá-la, se não quiser que o considerem leviano. Ora, quanto mais elevada é a posição que ocupamos na ciência, tanto menos desculpável é que falemos, levemente, de um assunto que desconhecemos.

14. Resumimos nas proposições seguintes o que acabámos de expor:

1.º Todos os fenómenos espíritas têm por princípio a existência da alma, a sua sobrevivência ao corpo e as suas manifestações.

2.º Fundando-se numa lei da natureza, esses fenómenos nada têm de maravilhoso nem de sobrenatural, no sentido vulgar destas palavras.

3.º Muitos factos são tidos por sobrenaturais porque não se lhes conhece a causa; atribuindo-lhes uma causa, o Espiritismo repõe-nos no domínio dos fenómenos naturais.

4.º Entre os factos qualificados como sobrenaturais, muitos há cuja impossibilidade o Espiritismo demonstra, incluindo-os entre as crenças supersticiosas.

5.º Se bem que reconheça um fundo de verdade em muitas crenças populares, o Espiritismo de modo algum dá a sua solidariedade a todas as histórias fantásticas que a imaginação tem criado.

6.º Julgar o Espiritismo pelos factos que ele não admite é dar prova de ignorância e tirar todo o valor à opinião emitida.

7.º A explicação dos factos que o Espiritismo admite, das suas causas e consequências morais, forma toda uma ciência e toda uma filosofia, que reclamam um estudo sério, perseverante e aprofundado.

8.º O Espiritismo não pode considerar um crítico sério senão aquele que tudo tenha visto, estudado e aprofundado com a paciência e a perseverança de um observador consciencioso; que do assunto saiba tanto quanto qualquer adepto instruído; que tenha, por conseguinte, obtido os seus conhecimentos algures que não nos romances da ciência; aquele a quem não se possa opor nenhum facto que lhe seja desconhecido, nenhum argumento em que já não tenha pensado e cuja refutação faça, não por mera negação, mas por meio de outros argumentos mais perentórios; aquele, finalmente, que possa indicar, para os factos averiguados, uma causa mais lógica do que aquela que lhes aponta o Espiritismo. Tal crítico ainda está por surgir.

15. Usámos há pouco a palavra «milagre»; uma ligeira observação sobre isso não virá fora de propósito, neste capítulo que trata do maravilhoso.

Na sua aceção primitiva e pela sua etimologia, o termo «milagre» significa «coisa extraordinária», «coisa admirável de se ver». Mas, como tantas outras, esta palavra afastou-se do seu sentido original, e hoje por «milagre» se entende (segundo a Academia) um ato do poder divino, contrário às leis comuns da natureza. Tal é, com efeito, a sua aceção usual, e apenas por comparação e por metáfora é aplicada às coisas vulgares que nos surpreendem e cuja causa se desconhece. De nenhuma forma entra nas nossas cogitações indagar se Deus julgou útil, em certas circunstâncias, derogar as leis que Ele próprio estabelecera; o nosso fim é, unicamente, demonstrar que os fenómenos espíritas, por mais extraordinários que sejam, de maneira nenhuma derogam essas leis, que não têm nenhum carácter miraculoso, do mesmo modo que não são maravilhosos ou sobrenaturais.

O milagre não se explica; os fenómenos espíritas, pelo contrário, explicam-se racionalissimamente. Não são, pois, milagres, mas simples efeitos, cuja razão de ser se encontra nas leis gerais. O milagre apresenta ainda outro carácter: o de ser insólito e isolado.

Ora, desde que um facto se reproduz, por assim dizer, à vontade e por diversas pessoas, não pode ser um milagre.

Todos os dias a ciência opera milagres aos olhos dos ignorantes. É por isso que, outrora, os que sabiam mais do que o vulgo passavam por feiticeiros; e, como se entendia então que toda a ciência sobre-humana vinha do diabo, queimavam-nos. Hoje, estando nós muito mais civilizados, eles apenas são mandados para os hospícios.

Se um homem realmente morto, como dissemos inicialmente, ressuscitar por intervenção divina, haverá nisso um verdadeiro milagre, porque isso é contrário às leis da natureza. Se, porém, tal homem só aparentemente está morto, se ainda há nele um resto de vitalidade latente e a ciência ou uma ação magnética consegue reanimá-lo, para as pessoas instruídas isso será um fenómeno natural. Todavia, aos olhos do vulgo ignorante, o facto passará por milagroso, e o autor ver-se-á perseguido a pedradas ou venerado, conforme o carácter dos indivíduos. Solte um físico, num campo de certa natureza, um papagaio magnetizado e faça, por esse meio, cair um raio sobre uma árvore e o novo Prometeu será tido certamente como senhor de um poder diabólico. E, diga-se de passagem, Prometeu parece-nos, muito singularmente, ter sido um precursor de Franklin; mas Josué, detendo o movimento do Sol, ou antes, da Terra, teria operado um verdadeiro milagre, na medida em que não conhecemos nenhum magnetizador dotado de um tão grande poder para realizar tal prodígio.

De todos os fenómenos espíritas, um dos mais extraordinários é, incontestavelmente, o da escrita direta e um dos que demonstram de modo mais patente a ação das inteligências ocultas. Mas, da circunstância de esse fenómeno ser produzido por seres ocultos, não resulta que seja mais milagroso do que qualquer um dos outros fenómenos devidos a agentes invisíveis, porque esses seres ocultos que povoam os espaços são uma das potências da natureza, potências cuja ação é incessante, tanto sobre o mundo material como sobre o mundo moral.

Esclarecendo-nos com relação a essa potência, o Espiritismo dá-nos a explicação de uma imensidão de coisas inexplicadas e inexplicáveis por qualquer outro meio e que, à falta de qualquer explicação,

passaram por prodígios nos tempos antigos. Do mesmo modo que o magnetismo, ele revela-nos uma lei, se não desconhecida, pelo menos mal compreendida; ou, mais acertadamente, de uma lei que se desconhecia, embora se lhe conhecessem os efeitos, visto que estes sempre se produziram em todos os tempos, tendo a ignorância da lei gerado a superstição. Uma vez conhecida, desaparece o maravilhoso e os fenómenos entram na ordem das coisas naturais. Eis por que, fazendo com que uma mesa se mova ou que os mortos escrevam, os espíritas não operam maior milagre do que opera o médico que restitui à vida um moribundo ou o físico que faz cair o raio. Aquele que pretendesse, por meio desta ciência, realizar milagres seria ou ignorante do assunto, ou embusteiro.

16. Os fenómenos espíritas, assim como os fenómenos magnéticos, antes que se lhes conhecesse a causa, tiveram de passar por prodígios. Ora, como os cétricos, os espíritos fortes, isto é, os que gozam do privilégio exclusivo da razão e do bom senso, não admitem que uma coisa seja possível quando não a compreendem e fazem objeto das suas zombarias todos os factos considerados prodigiosos. Uma vez que a religião conta com um grande número de factos deste género, não creem na religião e daí à incredulidade absoluta o passo é curto. Explicando a maior parte deles, o Espiritismo dá-lhes uma razão de ser.

Vem, pois, em auxílio da religião, demonstrando a possibilidade de muitos que, por perderem o carácter de milagrosos, não deixam, contudo, de ser extraordinários, e Deus não se torna menor, nem menos poderoso, por não ter abolido as suas leis. De quantas graças não foi objeto o facto de São Cupertino se erguer nos ares! Ora, a suspensão etérea dos corpos graves é um fenómeno que a lei espírita explica. Fomos dele pessoalmente testemunha ocular, e o Sr. Home, assim como outras pessoas do nosso conhecimento, repetiram muitas vezes o fenómeno produzido por São Cupertino. Logo, este fenómeno pertence à ordem das coisas naturais.

17. Entre os deste género, devem figurar na primeira linha as aparições, porque são as mais frequentes. A de Salette, sobre a qual divergem

as opiniões no seio do próprio clero, nada tem para nós de insólita. Certamente que não podemos afirmar que o facto se deu, porque não temos disso prova material; mas consideramo-lo possível, atendendo a que conhecemos milhares de outros análogos, *recentemente ocorridos*. Damos-lhes crédito não só porque lhes verificamos a realidade mas sobretudo porque sabemos perfeitamente de que forma se produzem. Quem se reportar à teoria, que adiante expomos, das aparições, reconhecerá que este fenómeno se mostra tão simples e plausível como um sem-número de fenómenos físicos, que só parecem prodigiosos por falta de uma chave que permita explicá-los.

Quanto à personagem que se apresentou em Salette, é outra questão. A sua identidade não nos foi absolutamente demonstrada. Apenas reconhecemos que pode ter havido uma aparição; quanto ao resto, escapa à nossa competência. A esse respeito, cada um está no direito de manter as suas convicções, nada tendo o Espiritismo que ver com isso. Dizemos tão-somente que os factos que o Espiritismo produz nos revelam leis novas e nos dão a explicação de um mundo de coisas que pareciam sobrenaturais. Quando alguns dos que passavam por miraculosos encontram, assim, explicação lógica, este é um motivo bastante para que ninguém se apresse a negar o que não compreende.

Algumas pessoas contestam os fenómenos espíritas precisamente porque tais fenómenos lhes parecem estar fora da lei comum e porque não conseguem encontrar-lhes qualquer explicação. Dai-lhes uma base racional e a dúvida desaparecerá. A explicação, neste século em que ninguém se contenta com palavras, constitui, pois, um poderoso motivo de convicção. Daí vemos todos os dias pessoas que nenhum facto testemunharam, que não observaram uma mesa agitar-se ou um médium escrever se tornarem tão convencidas quanto nós, unicamente porque leram e compreenderam. Se tivéssemos de acreditar apenas no que vemos com os nossos olhos, a bem pouco se reduziriam as nossas convicções.

DO MÉTODO

18. Muito natural e louvável é, em todos os adeptos, o desejo, que nunca será demais animar, de fazer prosélitos. Visando facilitar-lhes essa tarefa, aqui propomo-nos examinar o caminho que nos parece mais seguro para se atingir este objetivo, a fim de lhes pouparmos inúteis esforços.

Dissemos que o Espiritismo é toda uma ciência, toda uma filosofia. Quem, pois, seriamente queira conhecê-lo deve, como primeira condição, dispor-se a um estudo sério e convencer-se de que ele não pode, como nenhuma outra ciência, ser aprendido a brincar. O Espiritismo, também já o dissemos, aborda todas as questões que interessam a Humanidade; tem um campo imenso, e convém principalmente encará-lo pelas suas consequências.

A crença nos Espíritos forma-lhe, sem dúvida, a base, mas essa crença não basta para fazer de alguém um espírita esclarecido, como a crença em Deus não é suficiente para fazer de quem quer que seja um teólogo. Vejamos, então, de que maneira será melhor que se ministre o ensino da Doutrina Espírita, para levar com mais segurança à convicção.

Não se espantem os adeptos com esta palavra: ensino. Não constitui ensino unicamente o que é dado do púlpito ou da tribuna. Há também o da simples conversação. Ensina todo aquele que procura persuadir outra pessoa, seja pelo processo das explicações, seja pelo das experiências. O que desejamos é que o seu esforço produza frutos e é por isso que julgamos ser nosso dever dar alguns conselhos,

de que poderão igualmente tirar proveito os que queiram instruir-se por si mesmos. Uns e outros, seguindo-os, encontrarão um meio de chegar com mais segurança e presteza ao fim visado.

19. É crença geral que, para convencer, basta apresentar os factos. Esse, com efeito, parece ser o caminho mais lógico. Entretanto, mostra a experiência que nem sempre é o melhor, já que a cada passo se encontram pessoas que os mais patentes factos absolutamente não convenceram. A que se deve atribuir isso? É o que vamos tentar demonstrar.

No Espiritismo, a questão dos Espíritos é secundária e consecutiva; não constitui o ponto de partida. Este é precisamente o erro em que caem muitos adeptos e que amiúde os leva ao insucesso com certas pessoas. Não sendo os Espíritos senão as almas dos homens, o verdadeiro ponto de partida é a existência da alma. Ora, como pode o materialista admitir que, fora do mundo material, vivam seres, estando crente de que, em si próprio, tudo é matéria? Como pode crer que, exteriormente à sua pessoa, há Espíritos, quando não acredita ter um dentro de si? Será inútil acumular-lhe diante dos olhos as provas mais palpáveis. Contestá-las-á a todas, porque não admite o princípio.

Qualquer ensino metódico tem de partir do conhecido para o desconhecido. Ora, para o materialista, o conhecido é a matéria: parti, pois, da matéria e tratai, antes de tudo, fazendo com que ele a observe, de convencê-lo de que há nele alguma coisa que escapa às leis da matéria. Em suma, *antes de o tornar ESPÍRITA, tentai torná-lo ESPIRITUALISTA*. Mas, para isso, muito diferente é a ordem de factos a que se há de recorrer, muito especial é o ensino cabível e que, por isso mesmo, precisa de ser dado por outros processos. Falar-lhe dos Espíritos, antes que esteja convencido de ter uma alma, é começar por onde se deve acabar, porque não lhe será possível aceitar a conclusão sem que admita as premissas. Antes, pois, de tentarmos convencer um incrédulo, mesmo por meio dos factos, cumpre que nos certifiquemos da sua opinião relativamente à alma, isto é, é necessário que verifiquemos se ele crê na existência da alma, na sua sobrevivência ao corpo, na sua individualidade

após a morte. Se a resposta for negativa, falar-lhe dos Espíritos seria perder tempo. Eis a regra. Não dizemos que não comporte exceções. Neste caso, porém, haverá provavelmente outra causa que o torna menos refratário.

20. Entre os materialistas, importa distinguir dois tipos: colocamos no primeiro os que o são por sistema. Nesses, não há a dúvida, há a negação absoluta, raciocinada a seu modo. O homem, para eles, é uma simples máquina que funciona enquanto está montada, que se desarranja e de que, após a morte, só resta a carcaça.

Felizmente, são em número restrito e não formam uma escola abertamente confessada. Não precisamos de insistir nos deploráveis efeitos que para a ordem social resultariam da vulgarização de semelhante doutrina. Já nos estendemos bastante sobre esse assunto em *O Livro dos Espíritos* (número 147 e § III da Conclusão).

Quando dissemos que a dúvida cessa nos incrédulos diante de uma explicação racional, excetuámos os materialistas extremados, os que negam a existência de qualquer força e de qualquer princípio inteligente fora da matéria. A maioria deles se obstina por orgulho na opinião que professa, entendendo que o amor-próprio lhes impõe persistir nela. E persistem, não obstante todas as provas em contrário, porque não querem ficar por baixo. Com tal gente, nada há que fazer; ninguém deve sequer deixar-se iludir pelo falso tom de sinceridade dos que dizem: «Fazei com que eu veja, e acreditarei.» Outros são mais francos e admitem: «Ainda que eu visse, não acreditaria.»

21. O segundo tipo de materialistas, muito mais numeroso do que o primeiro, porque o verdadeiro materialismo é um sentimento anti-natural, compreende os que o são por indiferença, por falta de coisa melhor, pode-se dizer. Não o são deliberadamente e o que mais desejam é crer, visto que a incerteza lhes é um tormento. Há neles uma vaga aspiração pelo futuro; mas esse futuro foi-lhes apresentado com cores tais que a razão deles se recusa a aceitá-lo. Daí a dúvida e, como consequência da dúvida, a incredulidade. Esta, portanto, não constitui neles um sistema.

Assim sendo, se lhes apresentardes alguma coisa racional, aceitam-na pressurosos. Esses, pois, podem compreender-nos, visto estarem mais perto de nós do que, certamente, eles próprios julgam.

Aos primeiros não faleis de revelação, nem de anjos, nem do paraíso: não vos compreenderiam. Colocai-vos, porém, no terreno em que eles se encontram e provai-lhes primeiramente que as leis da fisiologia são impotentes para tudo explicar; o resto virá depois.

De outra forma se passam as coisas quando a incredulidade não é preconcebida, porque então a crença não é de todo nula; há um germe latente, abafado pelas ervas más, e que uma centelha pode reavivar. É o cego a quem se restitui a vista e que se alegra por tornar a ver a luz; é o naufrago a quem se lança uma tábua de salvação.

22. Ao lado da dos materialistas propriamente ditos, há um terceiro tipo de incrédulos que, embora espiritualistas, pelo menos de nome, são tão refratários quanto aqueles. Referimo-nos aos *incrédulos de má vontade*. A esses muito aborreceria o terem de crer, porque isso lhes perturbaria a quietude nos gozos materiais. Temem deparar-se com a condenação das suas ambições, do seu egoísmo e das vaidades humanas com que se deliciam. Fecham os olhos para não ver e tapam os ouvidos para não ouvir. Lamentá-los é tudo o que se pode fazer.
23. Apenas para não deixar de a mencionar, falaremos de uma quarta categoria, a que chamaremos *incrédulos por interesse* ou *de má-fé*. Os que a compõem sabem muito bem o que devem pensar do Espiritismo, mas ostensivamente o condenam por motivos de interesse pessoal. Não há o que dizer deles, assim como não há o que fazer com eles.

O puro materialista tem para o seu engano a desculpa da boa-fé; será possível desenganá-lo provando-se-lhe o erro em que labora. No outro, há uma determinação assentada, contra a qual todos os argumentos irão chocar em vão. O tempo encarregar-se-á de lhe abrir os olhos e de lhe mostrar, quiçá à própria custa, onde estavam os seus verdadeiros interesses, porque, não podendo impedir que a verdade se expanda, ele será arrastado pela torrente, bem como os interesses que julgava salvaguardar.

24. Além destas diversas categorias de opositores, muitos há de uma infinidade de matizes, entre os quais se podem incluir: os *incrédulos por pusilanimidade*, que terão coragem quando virem que os outros não se queimam; os *incrédulos por escrúpulos religiosos*, aos quais um estudo esclarecido ensinará que o Espiritismo assenta nas bases fundamentais da religião e respeita todas as crenças; que um dos seus efeitos é incutir sentimentos religiosos nos que os não possuem, fortalecê-los nos que os tenham vacilantes. Depois, vêm os incrédulos por orgulho, por espírito de contradição, por negligência, por leviandade, etc., etc.
25. Não podemos omitir uma categoria a que chamaremos *incrédulos por decepções*. Abrange os que passaram de uma confiança exagerada à incredulidade, porque sofreram desenganos. Então, desanimados, tudo abandonaram, tudo rejeitaram. É como se alguém negasse a boa-fé por ter sido ludibriado.

Ainda aí o que há é o resultado de um incompleto estudo do Espiritismo e de falta de experiência. Aquele a quem os Espíritos mistificam geralmente é mistificado por lhes perguntar o que eles não devem ou não podem dizer, ou porque não se acha bastante instruído sobre o assunto, para distinguir a verdade da impostura.

Muitos, aliás, só veem no Espiritismo um novo meio de adivinhação e imaginam que os Espíritos existem para predizer a sorte de cada um. Ora, os Espíritos levianos e zombeteiros não perdem uma ocasião para se divertirem à custa dos que pensam desse modo. É assim que anunciarão maridos às raparigas; ao ambicioso, honras, heranças, tesouros ocultos, etc. Daí, muitas vezes, desagradáveis decepções, das quais, entretanto, o homem sério e prudente sempre sabe preservar-se.

26. Uma categoria muito numerosa, a mais numerosa de todas, mas que não poderia ser incluída entre as dos opositores, é a *dos incertos*. São, em geral, espiritualistas por princípio. Na maioria deles, há uma vaga intuição das ideias espíritas, uma aspiração de qualquer coisa que não podem definir. Não lhes falta aos pensamentos senão serem coordenados e formulados. O Espiritismo é para eles como

que um traço de luz: a claridade que dissipa o nevoeiro. Por isso mesmo o acolhem de forma pressurosa, porque ele os livra das angústias da incerteza.

27. Se, a partir daí, projetarmos o olhar sobre as diversas categorias de crentes, deparar-nos-emos primeiro com os que são espíritas sem o saberem. Propriamente falando, estes constituem uma variedade, ou um matiz, da categoria precedente. Sem nunca terem ouvido tratar da Doutrina Espírita, possuem o sentimento inato dos grandes princípios que dela decorrem e esse sentimento reflete-se em algumas passagens dos seus escritos e dos seus discursos, ao ponto de suporem os que os ouvem que eles são completamente iniciados. Encontram-se numerosos exemplos de tal facto nos escritores profanos e sagrados, nos poetas, oradores, moralistas e filósofos, antigos e modernos.
28. Entre os que se convenceram por um estudo direto, podem destacar-se:
 - 1.º Os que creem pura e simplesmente nas manifestações. Para eles, o Espiritismo é apenas uma ciência de observação, uma série de factos mais ou menos curiosos. Chamar-lhes-emos espíritas experimentadores.
 - 2.º Os que no Espiritismo veem mais do que factos; compreendem-lhe a parte filosófica; admiram a moral daí decorrente, mas não a praticam. Insignificante ou nula é a influência que lhes exerce nos caracteres. Em nada alteram os seus hábitos e não se privariam de um só gozo que fosse. O avarento continua a sê-lo, o orgulhoso conserva-se cheio de si, o invejoso e o cioso revelam-se sempre hostis. Consideram a caridade cristã apenas uma bela máxima. São os espíritas imperfeitos.
 - 3.º Os que não se contentam com admirar a moral espírita, que a praticam e lhe aceitam todas as consequências. Convencidos de que a existência terrena é uma prova passageira, tratam de aproveitar

os seus breves instantes para avançar pela senda do progresso, única que os pode elevar na hierarquia do mundo dos Espíritos, esforçando-se por fazer o bem e coibir os seus maus pendores. As relações com eles sempre oferecem segurança, porque a convicção que nutrem os preserva de pensarem em praticar o mal. A caridade é, em tudo, a regra de proceder a que obedecem. São os verdadeiros espíritas, ou melhor, os espíritas cristãos.

4.º Há, finalmente, os espíritas exaltados. A espécie humana seria perfeita se sempre tomasse o lado bom das coisas. Em tudo, o exagero é prejudicial. No Espiritismo, infunde uma confiança demasiado cega e frequentemente pueril, no tocante ao mundo invisível, e leva a aceitar-se, com extrema facilidade e sem verificação, aquilo cujo absurdo ou impossibilidade a reflexão e o exame demonstrariam.

O entusiasmo, porém, não reflete, deslumbra. Esta espécie de adeptos é mais nociva do que útil à causa do Espiritismo. São os menos aptos para convencer quem quer que seja, porque todos, com razão, desconfiam dos julgamentos deles. Graças à sua boa-fé, são iludidos, assim, por Espíritos mistificadores, como por homens que procuram explorar-lhes a credulidade. Apenas haveria inconvenientes se só eles tivessem de sofrer as consequências. O pior é que, sem o quererem, dão armas aos incrédulos, que buscam mais uma ocasião para zombar e não para se convencerem, e não deixam de imputar a todos o ridículo de alguns. Sem dúvida que isto não é justo nem racional; mas, como se sabe, os adversários do Espiritismo só consideram de bom quilate a razão de que desfrutam, e conhecer a fundo aquilo sobre que discorrem é o que menos preocupação lhes dá.

29. Os meios de convencer variam muitíssimo conforme os indivíduos. O que convence uns nada produz em outros. Este convenceu-se observando algumas manifestações materiais; aquele, por efeito de comunicações inteligentes; a maioria, pelo raciocínio. Podemos até dizer que, para grande parte dos que não se preparam pelo raciocínio, os fenómenos materiais quase nenhum peso têm. Quanto mais extraordinários são esses fenómenos, quanto mais se afastam

das leis conhecidas, maior oposição encontram, e isto por uma razão muito simples: é que todos somos levados naturalmente a duvidar de uma coisa que não tem sanção racional. Cada um a considera do seu ponto de vista e a explica a seu modo: o materialista atribui-a a uma causa puramente física ou a um embuste; o ignorante e o supersticioso, a uma causa diabólica ou sobrenatural, ao passo que uma explicação prévia produz o efeito de destruir as ideias pré-concebidas e de mostrar, se não a realidade, pelo menos a possibilidade da coisa, que, assim, é compreendida antes de ser vista. Ora, desde que se reconheça a possibilidade de um facto, três quartos da convicção estão conseguidos.

30. Convirá que se procure convencer um incrédulo obstinado? Já dissemos que isso depende das causas e da natureza da sua incredulidade. Muitas vezes, a insistência em querer persuadi-lo leva-o a crer na sua importância pessoal, o que, a seu ver, constitui uma razão para ainda mais se obstinar. Com relação ao que não se convenceu pelo raciocínio nem pelos factos, a conclusão a tirar-se é a de que ainda tem de sofrer a prova da incredulidade. Deve-se deixar à Providência o encargo de lhe preparar circunstâncias mais favoráveis. Não faltam os que anseiam pelo recebimento da luz, para que se esteja a perder tempo com os que a repelem.

Dirigi-vos, portanto, aos de boa vontade, cujo número é maior do que se pensa, e o exemplo das suas conversões, ao multiplicar-se, vencerá as resistências mais do que as simples palavras. O verdadeiro espírito nunca deixará de fazer o bem. Lenir corações aflitos; consolar, acalmar desesperos, operar reformas morais, essa é a sua missão. É nisso também que encontrará satisfação real. O Espiritismo anda no ar; difunde-se pela própria força das coisas, porque torna felizes os que o professam. Quando o ouvirem repercutir em torno de si mesmos, entre os seus próprios amigos, os que o combatem por sistema compreenderão o isolamento em que se encontram e serão forçados a calar-se ou a render-se.

31. Para, no ensino do Espiritismo, proceder-se como se procederia com relação ao das ciências vulgares, seria preciso passar revista

a toda a série dos fenómenos que possam produzir-se, começando pelos mais simples, para chegar sucessivamente aos mais complexos. Ora, isso não é possível, porque não é possível fazer-se um curso de Espiritismo experimental como se faz um curso de física ou de química. Nas ciências naturais, opera-se sobre a matéria bruta, que se manipula à vontade, tendo-se quase sempre a certeza de poderem regular-se os efeitos. No Espiritismo, temos de lidar com inteligências que gozam de liberdade e que a cada instante nos provam não estar submetidas aos nossos caprichos. É preciso, pois, observar, aguardar os resultados e colhê-los à passagem. Daí declaramos abertamente que *quem quer que se gabe de os obter à vontade não pode deixar de ser ignorante ou impostor*. Daí resulta que o verdadeiro Espiritismo nunca dará espetáculos nem subirá aos palcos.

Há mesmo qualquer coisa de ilógico em supor-se que Espíritos venham exhibir-se e submeter-se a investigações, como objetos de curiosidade. Portanto, pode suceder que os fenómenos não se deem quando mais desejados sejam, ou que se apresentem numa ordem muito diferente da que se quereria. Acrescentemos que, para serem obtidos, torna-se necessária a intervenção de pessoas dotadas de faculdades especiais e que estas faculdades variam infinitamente, de acordo com as aptidões dos indivíduos. Ora, sendo extremamente raro que a mesma pessoa tenha todas as aptidões, isto constitui uma nova dificuldade, porque seria preciso ter-se sempre à mão uma coleção completa de médiuns, o que não é de todo possível.

O meio, aliás, muito simples, de se evitar este inconveniente consiste em começar-se pela teoria. Nela, todos os fenómenos são apreciados, explicados, de modo que o estudante acaba por conhecê-los, por lhes compreender a possibilidade, por saber em que condições podem produzir-se e quais os obstáculos podem encontrar. Então, qualquer que seja a ordem em que se apresentem, nada terão que surpreenda. Este caminho ainda oferece outra vantagem: a de poupar uma grande quantidade de decepções àquele que queira operar por si mesmo. Precavido contra as dificuldades, ele saberá manter-se em guarda e evitar a conjuntura de adquirir a experiência à sua própria custa.

Ser-nos-ia difícil dizer quantas são as pessoas que, desde que começámos a ocupar-nos com o Espiritismo, vieram ter connosco

e quantas delas vimos conservarem-se indiferentes ou incrédulas diante dos factos mais positivos e só posteriormente se convencerem, mediante uma explicação racional; quantas outras se predisuseram à convicção, pelo raciocínio; quantas, enfim, se convenceram, sem nada nunca terem visto, unicamente porque tinham compreendido. Falamos, pois, por experiência e, assim, também é por experiência que dizemos que o melhor método de ensino espírita consiste em que aquele que ensina se dirigir antes à razão do que aos olhos. Esse é o método que seguimos nas nossas lições e pelo qual somente temos de nos felicitar*.

32. O estudo prévio da teoria apresenta ainda outra vantagem: a de mostrar imediatamente a grandeza do objetivo e o alcance desta ciência. Aquele que começa por ver uma mesa a girar ou a bater sente-se mais inclinado ao gracejo, porque dificilmente imaginará que de uma mesa possa sair uma doutrina regeneradora da Humanidade. Temos notado sempre que os que creem, antes de ter visto, apenas porque leram e compreenderam, longe de se conservarem superficiais, são, pelo contrário, os que mais refletem. Dando maior atenção ao fundo do que à forma, veem na parte filosófica o principal, considerando como acessório os fenómenos propriamente ditos. Declaram então que, mesmo que estes fenómenos não existissem, ainda sobraria uma filosofia que, sozinha, resolve problemas até hoje insolúveis; que só ela apresenta a teoria mais racional do passado do Homem e do seu futuro. Ora, como é natural, eles preferem uma doutrina que explica às que não explicam ou explicam mal.

Quem quer que reflita compreende perfeitamente que se poderia abstrair das manifestações sem que a Doutrina deixasse de subsistir. As manifestações corroboram-na, confirmam-na; porém, não constituem a sua base essencial. O observador criterioso não as repele; pelo contrário, aguarda circunstâncias favoráveis que lhe permitam testemunhá-las. A prova do que avançamos é que um grande número de pessoas, antes de ouvirem falar das manifestações, tinham a intuição desta Doutrina, que não fez mais do que lhes dar corpo, conexão às ideias.

* O nosso ensino teórico e prático é sempre gratuito.

33. Além disso, seria inexato dizer-se que os que começam pela teoria se privam do objeto das observações práticas. Pelo contrário: não só não lhes faltam os fenómenos como ainda os de que eles dispõem têm aos seus olhos um maior peso do que os que pudessem vir a operar-se na sua presença. Referimo-nos aos copiosos factos de *manifestações espontâneas*, de que falaremos nos capítulos seguintes. Raras serão as pessoas os que delas não tenham conhecimento pelo menos por ouvir dizer. Outras conhecem algumas que ocorreram consigo mesmas mas a que não prestaram quase nenhuma atenção. A teoria vem dar-lhes a explicação. E afirmamos que esses factos têm um grande peso quando se apoiam em testemunhos irrecusáveis, porque não se pode supô-los devidos a arranjos nem a conviências. Mesmo que não houvesse os fenómenos provocados, nem por isso deixaria de haver os espontâneos e já seria muito que ao Espiritismo coubesse apenas oferecer-lhes uma solução racional. Assim, os que leem previamente reportam as suas recordações a esses factos, que se lhes apresentam como uma confirmação da teoria.
34. Singularmente se equivocaria, quanto à nossa maneira de ver, quem supusesse que aconselhamos que se desprezem os factos. Foi pelos factos que chegámos à teoria. É certo que para isso tivemos de nos consagrar a um assíduo trabalho durante muitos anos e de fazer milhares de observações. Mas, já que os factos nos serviram e servem todos os dias, seríamos inconsequentes connosco se lhes contestássemos a importância, sobretudo quando compomos um livro para torná-los conhecidos de todos. Dizemos apenas que, sem o raciocínio, eles não bastam para determinar a convicção; que uma explicação prévia, pondo termo às prevenções e mostrando que os factos em nada são contrários à razão, *dispõe* o indivíduo a aceitá-los.
- Tão verdade é isto que, em dez pessoas completamente novatas no assunto que assistam a uma sessão de experimentação, ainda que das mais satisfatórias na opinião dos adeptos, nove sairão sem estar convencidas e algumas mais incrédulas do que antes, por não terem as experiências correspondido ao que esperavam. Ocorrerá o inverso com as que puderem compreender os factos mediante um

antecipado conhecimento teórico. Para estas pessoas, a teoria constitui um meio de verificação, sem que coisa alguma as surpreenda, nem mesmo o insucesso, porque sabem em que condições os fenómenos se produzem e que não se lhes deve pedir o que não podem dar. Assim, pois, a inteligência prévia dos factos não só as põe em condições de se aperceberem de todas as anomalias mas também de apreenderem um sem-número de particularidades, de matizes, às vezes muito delicados, que escapam ao observador ignorante. Tais são os motivos que nos forçam a não admitir, nas nossas sessões experimentais, senão quem possua suficientes noções preparatórias, para compreender o que ali se faz, persuadido de que os que lá fossem carentes dessas noções perderiam o seu tempo ou nos fariam perder o nosso.

35. Aos que quiserem adquirir essas noções preliminares, pela leitura das nossas obras, aconselhamos que as leiam nesta ordem:

1.º O Que É o Espiritismo? Esta brochura, de apenas uma centena de páginas, contém uma sumária exposição dos princípios da Doutrina Espírita, um apanhado geral desta, permitindo ao leitor apreender-lhe o conjunto dentro de um quadro restrito. Em poucas palavras ele percebe o seu objetivo e pode julgar o seu alcance. Aí se encontram, além disso, respostas às principais questões ou objeções que os novatos se sentem naturalmente propensos a fazer. Esta primeira leitura, que muito pouco tempo consome, é uma introdução que facilita um estudo mais aprofundado.

2.º O Livro dos Espíritos. Contém a doutrina completa, como a ditaram os próprios Espíritos, com toda a sua filosofia e todas as suas consequências morais. É a revelação do destino do Homem, a iniciação no conhecimento da natureza dos Espíritos e nos mistérios da vida de além-túmulo. Quem o lê compreende que o Espiritismo objetiva um fim sério, que não constitui um frívolo passatempo.

3.º O Livro dos Médiuns. Destina-se a guiar os que queiram entregar-se à prática das manifestações, dando-lhes conhecimento dos

meios próprios para se comunicarem com os Espíritos. É um guia tanto para os médiuns como para os evocadores e o complemento d'*O Livro dos Espíritos*.

4.º Revista Espírita. Variada coletânea de factos, de explicações teóricas e de excertos isolados, que completam o que se encontra nas duas obras anteriores, formando, de certo modo, a sua aplicação. A sua leitura pode fazer-se simultaneamente com a daquelas obras; porém, mais proveitosa será e, sobretudo, mais inteligível se for feita depois d'*O Livro dos Espíritos*.*

Isto no que nos diz respeito. Os que desejem tudo conhecer de uma ciência devem necessariamente ler tudo o que se ache escrito sobre a matéria, ou, pelo menos, o que exista de principal, não se limitando a um único autor. Devem mesmo ler os prós e os contras, tanto as críticas como as apologias, inteirar-se dos diferentes sistemas, a fim de poderem julgar por comparação. Por esse lado, não preconizamos nem criticamos obra alguma, visto não querermos, de nenhum modo, influenciar a opinião que dela se possa formar. Trazendo a nossa pedra para o edifício, colocamo-nos nas fileiras. Não nos cabe ser juiz e parte, e não alimentamos a ridícula pretensão de ser o único distribuidor da luz. Toca ao leitor separar o bom do mau, o verdadeiro do falso.

* De Kardec são ainda as seguintes obras: *O Evangelho segundo o Espiritismo*, *O Céu e o Inferno*, *A Génese* e *Obras Póstumas*. [N. da E.]

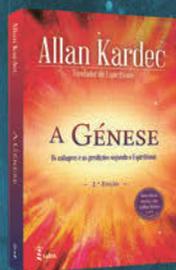
Guia Prático do Espiritismo

«É natural, entre os que se ocupam com o Espiritismo,
o desejo de poderem pôr-se em comunicação com os Espíritos.
Esta obra destina-se a facilitar-lhes o caminho...»

Publicado pela primeira vez em 1861, *O Livro dos Médiuns* é o guia essencial para médiuns, evocadores e todos os que desejam comunicar com os Espíritos.

Esta é a segunda obra da Doutrina e, enquanto complemento aos fundamentos teóricos contidos n' *O Livro dos Espíritos*, expõe toda a vertente prática do Espiritismo.

Também disponíveis:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt
penguinlivros

ISBN 9789895833955



9 789895 833955 >